

A automedicação é recorrente no país, o que potencializa o perigo de morte. O tema resgata anotações de George Orwell, segundo o qual “a massa mantém a marca, a marca mantém a mídia, a mídia controla a massa”. Esse fragmento, mais dito do que compreendido, assume contornos específicos quando a questão envolve a idealização medicamentosa, haja vista o comportamento social ser, quase sempre, um reflexo dos apelos midiáticos. Assim, a medicação autônoma avança, por vezes, sob a alegação de que o atendimento do Sistema Único de Saúde (SUS), reconhecido por ser o maior complexo de assistência à saúde do mundo, seja deficitário. Assim, são imperativas e urgentes as ações governamentais a fim de coibir a cultura da automedicação.

Nesse sentido, é inquestionável que a automedicação tenha se tornado algo banal na sociedade. Apesar de serem claros os riscos, a automedicação persiste graças à persuasão publicitária, que promove marcas de medicamentos com a mesma facilidade com que promove marcas de chocolate. A mídia leva ao público uma pseudo-cura, como pressuposto para movimentar a indústria farmacêutica – e a engrenagem capital ganha força, alimentando a cultura da automedicação. Soma-se a isso o fato de haver, no universo virtual, um sem-número de sites que prescrevem medicamentos, o que, sem dúvida, colabora para o autodiagnóstico. Aliás, aqui se instala o duplo indissociável: autodiagnóstico e automedicação.

Entretanto, é preciso admitir que o aspecto cultural da automedicação também se deve ao fato de que o SUS, nem sempre, pode atender a tempo e modo pretendidos pelos doentes, quer seja pela distância entre o doente e a Unidade Básica de Saúde, quer seja pela alta demanda, o que sugere filas intermináveis de pacientes à espera de socorro. Nesse ínterim, resgata-se o dito popular, segundo o qual “a dor não tem hora pra chegar”. Ora, isso é tão verdade quanto o fato de o atendimento hospitalar preventivo ser substituído pela urgência do atendimento curativo. Já está fartamente comprovado que exercícios físicos regulares e alimentação balanceada são pressupostos para a prevenção de doenças, o que não é atendido por considerável parte da população, que se atira na vida sedentária e no excesso de doces e embutidos – sem dúvida, isso vai desaguar na corrida ao atendimento médico, por vezes, emergencial.

Diante do exposto, tendo em vista que a cultura da automedicação implica perigo de morte, compete ao Ministério da Saúde, por meio das mídias digitais de longo alcance, promover, em horários de grande audiência, a implementação obrigatória de apelos educativos, a fim de que, ao mesmo tempo em que advirtam a população a respeito dos riscos da automedicação, orientem-na a procurar Unidades Básicas de Saúde, mediante quaisquer sintomas de doenças. Nessa óptica, a informação atuará como ferramenta no combate à cultura do autodiagnóstico e da automedicação e, conseqüentemente, os hospitais do país acolherão melhor, e de modo horizontal, a população que, hoje, recorre à automedicação.

Por Gislaine Buosi

Análise da estrutura dissertativa:

Apresentação do tema, com repertório literário autoral;

Síntese do primeiro argumento;

Síntese do segundo argumento;

Tese;

Desenvolvimento do primeiro argumento;

Desenvolvimento do segundo argumento;

Proposta de intervenção social.